



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

Além dos barracos

Documentário sobre mulheres residentes em uma favela de Campo Grande

João Pedro de Oliveira Buchara

Campo Grande
Dezembro /2025

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



Além dos barracos
Documentário sobre mulheres residentes de uma favela de Campo Grande

João Pedro de Oliveira Buchara

Relatório apresentado como requisito parcial para aprovação na Componente Curricular Não Disciplinar (CCND) Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Jornalismo da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação (FAALC) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Orientador(a): Prof. Dr. Júlio Carlos Bezerra



ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Título do Trabalho: "Além dos barracos"

Acadêmico: João Pedro de Oliveira Buchara

Orientador: Júlio Carlos Bezerra

Data: 28/11/2025

Banca examinadora:

1. Daniela Giovana Siqueira
2. Katarini Giroldo Miguel

Avaliação: (x) Aprovado () Reprovado

Parecer: A banca ressalta a qualidade do trabalho, incentiva um maior desdobramento do projeto e pontua apenas algumas revisões no relatório.

Campo Grande, 28 de novembro de 2025.

**NOTA
MÁXIMA
NO MEC**
**UFMS
É 10!!!**



Documento assinado eletronicamente por **Laura Seligman**, Coordenador(a) de Curso de Graduação, em 29/11/2025, às 10:51, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

**NOTA
MÁXIMA
NO MEC**
**UFMS
É 10!!!**



Documento assinado eletronicamente por **Julio Carlos Bezerra**, Professor do Magisterio Superior, em 30/11/2025, às 10:30, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6019886** e o código CRC **FD3FC237**.

COLEGIADO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO (BACHARELADO)

Av Costa e Silva, s/nº - Cidade Universitária

Fone:

CEP 79070-900 - Campo Grande - MS

Referência: Processo nº 23104.015712/2025-27

SEI nº 6019886



AGRADECIMENTOS

Todas os agradecimentos depois deste são especiais e sinceros, mas o agradecimento mais singelo que tenho a oferecer é a minha mãe, Simone Augusto de Oliveira. Minha mãe foi a primeira pessoa a acreditar que eu seria capaz de fazer jornalismo e falava que me via atuando na profissão. Hoje, Simone não pode estar presente para acompanhar esta etapa da minha vida, mas espero que, onde quer que ela esteja, que sinta orgulho de mim.

Agradeço profundamente à Lizandra, minha companheira de vida e de faculdade. Seus incentivos, conselhos e apoio constantes foram essenciais para que eu chegasse até aqui. Se não fosse pela sua presença ao meu lado, talvez este documentário, que tanto idealizei ao longo desses anos, não tivesse se tornado realidade. Agradeço a minha sogra, Maria Virginia por oferecer sua casa como meu lar por todo este tempo de graduação.

Agradeço muito ao meu pai, Alexandre, e à minha avó, Sandra, pelo apoio financeiro e, sobretudo, pelos conselhos e incentivos para que eu não desistisse da graduação, mesmo nos momentos em que eu duvidei da minha capacidade.

Ao meu orientador, Prof. Júlio Bezerra, eu agradeço por não largar minha mão durante um ano de projeto, agradeço pela paciência nos momentos de dificuldade e pelo comprometimento em buscar alternativas sempre que surgiam desafios ao longo do processo. Também agradeço à Leilane por me acompanhar nas captações e me auxiliar com as gravações, e por se interessar verdadeiramente pelo meu projeto.

Agradeço aos meus amigos Thays, Gabriel Issagawa, Thamilly e Konrado, que puderam compartilhar parte da minha trajetória acadêmica e estiveram ao meu lado nos momentos de comemoração e também de dificuldades que passei em minha vida.

Agradeço imensamente a todas as fontes que gentilmente concederam suas entrevistas e contribuíram para a construção deste trabalho. Agradeço, em especial, a Marilza, por abrir as portas de sua casa ao longo de um ano, por apresentar sua família, facilitar meu contato com outras moradoras e, acima de tudo, por compartilhar suas conquistas pessoais comigo com a generosidade de quem acolhe alguém próximo. Sua confiança em mim e no meu trabalho tornou possível a realização deste documentário.

Agradeço também às demais participantes que, mesmo não integrando a edição final do documentário, contribuíram de maneira essencial para o meu crescimento pessoal e compreensão



mais profunda da realidade retratada. Por fim, expresso minha gratidão a todas as moradoras da ocupação, que resistem e lutam diariamente pelo direito a uma moradia regularizada e por uma vida livre dos preconceitos associados à periferia.



SUMÁRIO

Resumo	6
Introdução	8
1. Atividades desenvolvidas	11
1.1 Execução	13
1.1.1 Roteiro de edição e montagem	17
1.2 Dificuldades encontradas	20
1.3 Objetivos alcançados	22
2. Suportes teóricos adotados	24
2.2 Mulheres em Favelas e Ocupações, exclusão e subalternidade	27
2.3 Interseccionalidade e a representação de mulheres periféricas	30
2.4 Documentário	31
Considerações finais	34
Referências	36
Apêndice	39
4.1 Roteiro de perguntas	39
4.2 Roteiro de edição e montagem	40
4.3 Bastidores das gravações	41



RESUMO:

“Além dos barracos” é um documentário jornalístico que busca se aprofundar no cotidiano de três mulheres residentes da favela Lagoa Park, que busca a regularização pela Prefeitura de Campo Grande há mais de três anos. O trabalho proposto adota uma abordagem do jornalismo humanizado, buscando apresentar, por meio das vivências dessas moradoras, as condições de vulnerabilidade social, as dificuldades em suas vidas e a luta pelo direito à uma moradia digna. Das primeiras captações de imagem até a finalização da edição, o processo envolveu aproximadamente um ano de acompanhamento contínuo dessas mulheres que residem na periferia da Capital. Esse período permitiu registrar não apenas fatos pontuais, mas também as transformações e conquistas pessoais vividas por elas ao longo do tempo. O documentário está disponível em: https://drive.google.com/file/d/1qiOpzmXuvWsh_ed_pW25dXyIFH1dkC6G/view?usp=sharing

PALAVRAS-CHAVE:

Documentário; Jornalismo Humanizado; Favela; Vulnerabilidade Social; Periferia



INTRODUÇÃO

Favelas são conjuntos habitacionais formados por barracos feitos de lonas e madeiras em assentamentos ou áreas urbanas. A favelização no Brasil surge entre o final do século XIX e começo do século XX, no estado do Rio de Janeiro. A abolição da escravatura em 1888 fez com que a então capital federal do país tivesse uma expansão populacional, e com isso a população de baixa renda foi forçada a residir em cortiços (Queiroz Filho, 2011).

Nos anos de 1960 o êxodo rural, a concentração fundiária, as violências no campo e o processo de industrialização intensificam ainda mais a expansão nos territórios nacionais, forçando a população rural a migrar para as grandes cidades em busca de oportunidades de emprego, dando continuação na formação de cortiços e consequentemente favelas (Queiroz, 1969). Com o crescimento das favelas durante a ditadura militar brasileira, o governo impulsionou uma política de segregação espacial em alguns estados brasileiros com o intuito de remover as favelas das áreas centrais e transferir esses moradores para a periferia.

Durante o período da ditadura militar, particularmente no ciclo entre 1966 e 1974, o Governo Federal empreendeu uma política global e massiva de remoção de favelas no país. Embora tenha tido o seu epicentro na cidade do Rio de Janeiro, que concentrava o maior número absoluto e relativo de favelas, a política de remoção espalhou-se por várias capitais do país. (Cardoso, 2018 apud Denaldi, 2018, p.20).

Na década de 1970 até o fim da ditadura militar, as tentativas de remoção das favelas nos estados foram diminuindo gradativamente, mas não se encerraram.

Só podemos compreender por que as remoções foram executadas a partir da noção de que o estigma de favelado foi ampliado ao máximo, o que possibilitou ao Estado sistematizar a política de remoções, através de órgãos com atribuições definidas em todas as etapas do processo, desde a decisão de remover determinada favela até a instalação das famílias nos conjuntos habitacionais, embora tal nível de planejamento terminasse ali (Brum, 2013, p.6).

A Constituição Federal de 1988 definiu, no artigo 6º, que o direito à moradia é um dever do Estado para com a população. Embora seja um direito constitucional, a falta de políticas públicas e o passado histórico que originou as comunidades urbanas, resultam atualmente em uma população que vive em moradias precárias, com falta de acesso à saneamento básico, dificuldade no acesso a serviços públicos, falta de acesso a serviços de saúde de qualidade, preconceito social e riscos de incêndios ou desabamento das residências.



Segundo dados divulgados pelo Projeto MapBiomas¹, O território urbano ocupado por favelas de 1985 a 2021 triplicou de tamanho. Apesar deste aumento em todo o Brasil, uma pesquisa realizada em 2020 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostra que Campo Grande é a capital com menor índice de domicílios localizados em favelas e ocupações do país, com apenas 1,45%². Além dos dados, as expressões culturais mostram como essa população se vê e como é vista pela sociedade, especialmente no samba e em outras narrativas urbanas.

Em Cada Canto Da Cidade Tem Uma Favela;
Que Não Tem Beleza,
Nem Riqueza Também; Tem é Um Bocado De Povo Esquecido;
Representando o Inferno Colorido (Silva, 1980).

Na canção “O Inferno Colorido” Bezerra da Silva³ relata os problemas sociais e raciais vividos pela população negra e periférica nas comunidades urbanas. Essa realidade que o sambista apresenta na música. Não está distante do que muitas famílias vivem no estado de Mato Grosso do Sul. Segundo dados de 2024 da Central Única de Favelas (CUFA), Campo Grande comporta 62 favelas, com mais de 90% das lideranças familiares sendo compostas por mulheres⁴. Esta população feminina é afetada pela sobrecarga doméstica, dificuldades econômicas, trabalhos subalternos, preconceitos raciais e sociais. Ferreira (2017) afirma que as mulheres negras, moradoras de favela, além de sofrerem com a violência policial e perda de entes queridos em meio a guerra às drogas, também são afetadas pelas mazelas sociais. Esse alto número de favelas contraíram o discurso que a Prefeitura e do Governo do Estado e apresenta um contraponto aos dados divulgados pelo IBGE. Ainda que não seja alarmante a nível nacional, é visível um aumento significativo dessas ocupações com o passar dos anos na cidade.

O principal problema que envolve o tema cotidianos de mulheres que residem em favelas e ocupações urbanas na capital é a falta de artigos acadêmicos, dados, notícias e informações que

¹ Projeto MapBiomas – **Mapeamento Anual de Cobertura e Uso da Terra do Brasil** - Coleção 7, Disponível em: <https://oeco.org.br/wp-content/uploads/2022/11/MapBiomas/>//Acesso em: 16 de novembro de 2025

² Aglomerados Subnormais 2019: classificação preliminar e informação de saúde para o enfrentamento a COVI-19, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE**, Rio de Janeiro, 18 de Maio de 2020, Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101717_apresentacao.pdfAcesso em: 16 de novembro de 2025

³ Silva, Bezerra. **Inferno Colorido**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/bezerra-da-silva/1532155/>// Acesso em: 16 de novembro de 2025

⁴ **Mulheres lideram a luta por moradia nas favelas de Campo Grande.** *MS Notícias*, Campo Grande, 10 nov. 2025. Disponível em: <https://www.msnoticias.com.br/editorias/noticias-campo-grande-ms/mulheres-lideram-a-luta-por-moradia-nas-favelas-de-campo-grande/152716/>. Acesso em: 16 nov. 2025.



contribuam para uma abertura de diálogo e conhecimento sobre como vive esta população feminina. A população periférica, além de não ser amparada pelo Estado, é esquecida pela mídia, pesquisadores e ONGs.

A ocupação Lagoa Park (que foi escolhida para a realização das entrevistas) surgiu por volta de agosto de 2023, quando as primeiras famílias passaram a montar barracos no local, que antes servia como depósito de lixos e muitas vezes sendo utilizado para venda de drogas. Desde a criação dos primeiros barracos, a comunidade, composta majoritariamente por mulheres, enfrentou três derrubadas de residências realizadas pela Guarda Municipal, o que intensificou a insegurança e evidenciou a ausência de políticas habitacionais efetivas. Mesmo sob risco constante de remoção, as moradoras seguiram reconstruindo suas casas e organizando o território por meio de redes de solidariedade e apoio mútuo.

Observei que a ocupação Lagoa Park (na qual realizei as entrevistas) é predominantemente feminina, e ouvir as histórias das vivências das mulheres na comunidade me deu um sentido para a produção de meu projeto. Histórias de mães solas, mulheres vítimas de violência doméstica e de trabalhadoras que atuam em até dois turnos para sustentar a si mesmas e suas famílias. Ao me deparar com a realidade das moradoras pude reparar uma simplicidade em falar sobre suas moradias e sobre suas famílias, mas uma indignação ao relatar o descaso da prefeitura com esta população. O que ocorre na ocupação Lagoa Park reflete uma realidade compartilhada por muitas outras mulheres que vivem em favelas e que, na maioria das vezes, não recebem o amparo necessário do Estado.

A minha escolha pelo documentário como produto se deu pelo reconhecimento da importância de registrar, por meio do audiovisual, as vozes e vivências de mulheres, especialmente mulheres negras, que residem em favelas. Por compreender que o documentário é um formato capaz de dar visibilidade a essas histórias e de aproximar o público de realidades frequentemente invisibilizadas, utilizei minha liberdade criativa durante a produção, sempre em acompanhamento com meu orientador e com a equipe que colaborou em diferentes etapas do desenvolvimento do projeto.



1- ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

O documentário começou a ser idealizado desde 2023, após a realização de uma reportagem para a disciplina de Jornalismo Audiovisual II. Na época, filmei e editei um curta-metragem sobre os desafios enfrentados pelos moradores da comunidade Lagoa Park, após a terceira derrubada das moradias pela Guarda Municipal⁵.

O tema voltado ao processo de crescimento das favelas na Capital sul-mato-grossense sempre foi do meu interesse pessoal, devido as poucas pesquisas e trabalhos voltados a esta população que sobrevive diante a desigualdade social. Durante a disciplina de Pesquisa em Jornalismo, refleti muito sobre como abordar este tema novamente por outra perspectiva, e através de processo de busca de abordagens, resolvi abordar o cotidiano e vivencia de mulheres que residem na ocupação Lagoa Park.

Após a aprovação na disciplina, resolvi dividir o trabalho em três etapas: pesquisa; entrevistas e roteiro; decupagem e montagem do projeto.

A primeira etapa foi coletar informações que facilitassem o processo de aproximação com as fontes, origem da ocupação, quantidade de moradores e dados gerais sobre o aumento de ocupações irregulares em Campo Grande. Através do whatsapp e por email eu tentei contato com a Emha para obter dados da prefeitura sobre a situação de pessoas que residem em favelas na Capital, porém até a realização do projeto não obtive nenhuma resposta oficial deste órgão. Com a falta de respostas da Emha, recorri a CUFA (Central única de favelas) e solicitei uma atualização das últimas pesquisas realizadas na Capital, assim conseguindo os dados atualizados para o relatório.

Já o segundo processo foi iniciado através do contato com as outras moradoras que já haviam fornecido entrevistas para mim. Abordei uma antiga liderança, relatei sobre o meu projeto e logo fui apresentado a minha primeira fonte e uma das principais líderes da ocupação, Marilza Eleoterio de Barcelos Silva. Por meio de Marilza pude conhecer todas as minhas outras fontes (tanto as que foram usadas quanto as fontes que foram retiradas da versão finalizada), e conhecer mais sobre o cotidiano das moradoras em geral da comunidade.

⁵ Após derrubada de casas em área invadida, moradores passam noite ao relento. Campo Grande News, Campo Grande, 23 ago. 2024. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/apos-derrubada-de-casas-em-area-invadida-moradores-passam-noite-ao-relento>. Acesso em: 16 nov. 2025.



Conforme as gravações foram finalizando, iniciei o processo de roteirização como tentativa de imaginar o produto enquanto estivesse na edição. Para isso, conferi todos os áudios e imagens das câmeras para ver se estava compatível ou se houve alguma perda de gravação. Após ouvir os áudios, realizei um processo de checagem das minutagens e transcrevi as frases que entrariam nos vídeos. Isso me possibilitou para que depois eu criasse meu off utilizado no começo do documentário. Além disso, o processo de roteirização também foi elaborado para pensar como algumas imagens de apoio poderiam se encaixar dentre as cenas mais expositivas.

A terceira etapa foi iniciada com a decupagem dos vídeos e dos áudios no computador. Separei uma pasta com imagens de apoio e outra com as entrevistas, após está seleção vi o que precisarei de um tratamento na voz e recorri ao Adobe Podcast para limpeza de ruido. Com os áudios limpos e corrigidos, resolvi trabalhar com toda a montagem do documentário no Adobe Premiere, devido a minha familiaridade com o aplicativo e por considerar este o sistema mais profissional para montagem.

Ao todo, foram cerca de 1 ano do início de gravação até a finalização do produto final, com alguns períodos de pausas entre o desenvolvimento do projeto até a versão finalizada do documentário.



1.1 Execução:

Após a aprovação do pré projeto, entrei em contato com as fontes que eu tinha da comunidade. Leila Pantaleão foi a primeira em que cogitei buscar uma entrevista e ela aceitou participar das gravações e foi a primeira pessoa a outra liderança da comunidade (que viria a se tornar a minha fonte). Além de Leila, já conhecia Eliane Lima, que também aceitou participar do documentário.

Com a confirmação de Leila e de Eliane, comecei a elaborar um roteiro de perguntas que fossem condizentes com as fontes que eu conhecia e que me levaria a respostas tanto de suas perspectivas sobre como é morar na comunidade, seus desafios enfrentados diariamente, seus desejos em relação a regularização da região e também passando por seus problemas pessoais e sociais, caso as fontes se sentissem confortáveis em comentar sobre os assuntos. Inicialmente todas as fontes teriam perguntas parecidas sobre a questão da moradia e sobre a vivencia. Porém cada uma delas teriam perguntas específicas sobre suas vidas pessoais, em busca de aproximar as fontes do público que acessasse o produto.

Depois de elaborar e estruturar melhor o roteiro de perguntas, marquei a entrevista com a Leila. Iniciei as minhas primeiras filmagens no dia 13 de setembro de 2024, por volta das 09h40. Fui acompanhado da minha colega de curso, Lizandra, para me auxiliar na captação de áudio e camera. Ao chegar na comunidade e ir em direção a residência de Leila, ela me contou que não conseguia me conceder a entrevista naquele dia, e que iria me apresentar a Marilza Eleotério, que se tornou a minha primeira fonte.

Marilza é uma mulher negra, de 47 anos, e é moradora da comunidade há mais de 2 anos. Mãe de três filhos e avó de três netos, Marilza se mudou para a ocupação em busca de um residência própria e para reduzir as despesas que possuia, devido a dificuldade em pagar as contas de água, luz e aluguel. Ela me apresentou sua casa, sua família e contou sua história de vida antes de iniciarmos as gravações para eu conhecê-la melhor.

Depois de nós conhecermos, iniciei as gravações que duraram uma média de 25 minutos. Entre as perguntas e respostas, ela relatou as dificuldades de morar nos barracos devido aos climas abafados, preconceitos e estereótipos de gênero. Além das entrevistas, captamos a faixada de sua residência, animais pela comunidade, crianças presentes no ambiente e um pouco dos moradores



presentes no local. Chegamos por volta das 09h e saímos da comunidade entre as 11h30 da manhã, com a previsão de voltar as gravações no dia seguinte.

Devido a questões pessoais, de locomoção e financeiras, as gravações foram paralisadas por alguns meses. Além de questões pessoais, as gravações quando agendadas tiveram que ser interrompidas devido a chuva e uma possibilidade de estragar ou queimar os meus equipamentos e das pessoas que me ajudaram nas gravações.

As gravações ficaram previstas para voltar em fevereiro de 2025. Após consegui contratar uma auxiliar de captação e fotografia para as gravações. Entrei em contato com Marilza e perguntei se a Leila poderia me conceder a entrevista, e descobri através dela que a mesma passava por problemas pessoais. Por respeito a ela decidi gravar apenas com Eliane e preservar o espaço de Leila.

Retomei as gravações no dia 17 de fevereiro, por volta das 14h da tarde. Chegamos na comunidade e fomos direto a casa de Marilza, aonde ele nos guiou até a residencia de Eliane. A gravação iniciou desde a entrada da residencia até a o primeiro contato com a entrevistada.

Eliane Lima de Oliveira tem 44 anos, é auxiliar de cozinha e tem 6 filhos. Dos 5 filhos, todos já eram adultos, mas cuidava de sua filha adolescente. Na época, ela era mãe solo e criava sua filha sem a presença paterna. Dentre seus relatos, destacou as tentativas de feminicídio na época pelo seu ex-companheiro, além de contar com as respostas padrões sobre a vivencia, relação com os demais moradores, as condições de seu próprio lar e as transformações que ocorreram em sua vida desde a ocupação do espaço. Filmamos imagens externas e internas da residência, e ao todo, as gravações tiveram duração entre 30 e 40 minutos, mesmo diante de dificuldades ocasionadas pelo aumento da temperatura, que provocou o superaquecimento dos equipamentos de filmagem.

Depois que finalizamos a entrevista com Eliane, Marilza me apresentou a terceira fonte do documentário. Roselene Aparecida dos Santos é dona de casa, tem 64 anos, e começou a morar na comunidade após as derrubadas dos barracos pela Guarda Municipal. Segundo a fonte, a mudança para a comunidade ocorreu devido a uma necessidade de uma moradia própria, que fugisse dos altos custos dos aluguéis da Capital. A gravação foi curta devido ao fato de ser meu primeiro contato com Roselene, totalizando uma média de 15 minutos de gravação. Por fim, o segundo dia de filmagens e das entrevistas teve inicio por volta das 14h e foram finalizadas por volta das 16h30.



As gravações tiveram um período de pausa de 2 meses e voltaram para a finalização do que seria terceira e última fonte em 9 de maio de 2025. Durante este meio tempo, estive atrás de alguma outra fonte que tenha sofrido algum impacto pessoal que a levasse a morar na comunidade, então Marilza veio a me apresentar a Sara.

Sara Elizabeth Nunes Quirino tem 41 anos, é mãe de dois filhos e exerce a profissão de babá. Antes de se mudar para a ocupação, ela e seu ex-marido tinham como tradição comprar e doar verduras e legumes aos moradores da comunidade. Aos poucos, passou a conhecer as lideranças locais e a estabelecer vínculos afetivos e solidários com os residentes. Com o passar do tempo, as dificuldades financeiras e o aumento das despesas pessoais tornaram insustentável manter as contas básicas, levando-a a buscar como alternativa tentar conseguir um terreno na ocupação.

Ela me contou sobre sua história de vida, dificuldades por residir em uma ocupação, preconceito que os filhos sofreram por viver em uma região periférica e sobre os desafios em ser uma mãe solo. Nos apresentou um pouco de sua residência e de alguns cômodos pela casa e destacou os desafios durante o período de viver nos barracos em épocas de extremo calor ou de altas precipitações de chuvas. As gravações duraram cerca de 50 minutos fora as gravações de apoio.

Com a finalização das gravações, a etapa seguinte consistiu na elaboração do roteiro de montagem. Entretanto, durante o processo de retomada do projeto, após alguns meses, ao buscar os materiais brutos das captações para dar início à edição, foi constatada a perda de parte das gravações referentes à personagem Eliane. Naquele momento, seria inviável regravar a entrevistas por questões pessoais da fonte, então uma das alternativas foi buscar mais um fonte para encaixar no produto final.

A última entrevistada do documentário é Gleice Kely da Costa Salina, mulher de 25 anos e mãe solo de uma menina de 9 anos. A entrevista foi realizada no dia 23 de agosto e, durante o encontro, Gleice relatou as dificuldades enfrentadas em seu cotidiano, com ênfase nos episódios de conflito com a Guarda Municipal durante as derrubadas de moradias na ocupação.

Após a última gravação, iniciei o processo de edição do material coletado. Mesmo com todas as entrevistas finalizadas, durante a montagem percebi a necessidade de reformular parte das perguntas e incluir mais cenas que retratassem o cotidiano das personagens. No dia 11 de outubro,



retornei à comunidade e realizei a regravação das entrevistas originais de Marilza e Roselene, com o objetivo de complementar e aprofundar seus relatos.



1.1.1 Roteiro de edição e montagem:

Com a finalização das primeiras gravações, comecei a elaborar um roteiro e pensar em como seria realizado a montagem do filme. O processo foi lento, ouvi novamente todos os áudios, gravações e percebi o que estava faltando e o que poderia ser cortado antes de iniciar a edição.

O processo de revisão destacou os momentos e relatos mais relevantes para composição do documentário, selecionando as imagens que melhor se articulavam com as narrações das fontes e organizando o material de acordo com os principais temas abordados. Após essa etapa, foi elaborado um roteiro narrativo que considerou o uso de trilha sonora, imagens da comunidade, narração, créditos e a definição das fontes a serem incluídas.

Depois de finalizar a edição dos trechos das duas primeiras fontes, percebi que parte das gravações feitas com Eliane havia se perdido. Essa descoberta aconteceu quando organizei o material bruto para continuar a montagem e notei que faltavam arquivos importantes para incluir sua participação no documentário. A perda desses registros afetou a estrutura que havia sido planejada e me levou a buscar alternativas para manter a história completa e organizada.

Com a substituição das fontes, retomei a estrutura do roteiro seguindo os mesmos procedimentos aplicados às entrevistadas anteriores. Em seguida, iniciei o processo de montagem e edição do documentário, organizando o novo material de forma coerente com a proposta inicial do projeto.

Para a edição e montagem do material, utilizei como software de edição de vídeo unicamente o Adobe Premiere, aonde tratei imagem, som e coloração de todo o documentário. Durante o processo de montagem realizei o processo da realização do trabalho em etapas, sendo elas: Apresentar o tema central, contextualização das personagens, criação de uma narrativa coesa entre as histórias distintas e finalização dos arcos das personagens.

A primeira etapa consistiu na apresentação do tema central e a abordagem do assunto como formato de documentário. Nessa fase, procurei explicar o contexto social da ocupação e mostrar ao espectador a relevância do assunto, estabelecendo através dos off's e cartilhas de textos que serviram como base para guiar a construção da narrativa ao longo do filme.

Em seguida, foi feita a contextualização das personagens, etapa em que apresentei as entrevistadas através de textos e também de suas próprias falas, mostrando suas histórias de vida, suas relações com os moradores e os motivos que as levaram a viver na comunidade. Essa etapa



foi importante para que o público compreendesse melhor suas trajetórias pessoais e para criar uma narrativa do documentário.

A terceira etapa foi a criação de uma narrativa coesa entre as diferentes histórias, organizando os relatos das personagens de maneira que houvesse continuidade e fluidez mesmo com histórias distintas. Para isso, selecionei e organizei os depoimentos de forma a destacar os pontos em comum entre as vivências apresentadas e, ao mesmo tempo, evidenciar trechos que mostrassem as particularidades e experiências únicas de cada entrevistada.

Por fim, a etapa de finalização dos arcos das personagens teve como objetivo concluir cada uma das trajetórias apresentadas, mostrando como elas idealizam um futuro melhor para a comunidade e para suas próprias vidas. Essa reflexão final também ajuda a revelar aspectos importantes da realidade social analisada. Encerrar esses arcos ajudou a reunir as principais reflexões do documentário e reforçou a proposta de mostrar a complexidade das experiências vividas pelas mulheres da ocupação.

Além das entrevistas, foram incluídas imagens das residências, tanto em seus espaços internos quanto externos, bem como registros do ambiente geral da comunidade. Também foram captados planos abertos que mostravam a disposição dos barracos, além de ter conseguido o uso de imagens via drones apresentando um plano zenital da favela. Solicitei aos moradores imagens e áudios de arquivo que mostravam as ações da Guarda Municipal durante as derrubadas das residências, permitindo estabelecer um contraste entre a situação da ocupação em seu período inicial e sua situação atual. Além das imagens da favela obtidas com o apoio de uma equipe que já havia realizado filmagens no local, também consegui outras imagens de apoio de diferentes pontos de Campo Grande, que foram utilizadas para complementar os trechos em off.

Inicialmente, o documentário não contaria com narrações em offs, prevendo apenas a presença da minha voz durante as perguntas direcionadas às fontes. Contudo, decidi repensar ao longo do processo de edição, diante da necessidade de complementar a contextualização e a condução narrativa do filme.

No que diz respeito aos processos de limpeza de som e tratamento de imagem, uma parte significativa do trabalho concentrou-se na melhoria técnica do material bruto coletado. A etapa de limpeza de som envolveu a redução de ruídos indesejados, como interferências ambientais, variações abruptas de volume e sons externos captados durante as gravações na comunidade. Para isso, utilizei o Adobe Podcast para garantir maior nitidez às falas das entrevistadas.



Já o tratamento de imagem abrangeu a correção de cor, ajustes de exposição, equilíbrio de temperatura e padronização visual entre diferentes takes e ambientes. Esses procedimentos foram importantes para manter uma estética do documentário, compensar limitações técnicas das gravações realizadas em condições externas e fortalecer a fluidez visual da obra. O trabalho de coloração permitiu ressaltar elementos presentes no cenário, contribuindo para a construção de uma identidade visual coerente com a narrativa proposta.

O primeiro corte do documentário foi realizado no dia 20 de outubro, e passou pela orientação e revisão do professor Júlio Bezerra. A principal recomendação do meu orientador foi que tentássemos diminuir o documentário que naquele período ocupava 34 minutos de duração. Dentre as sugestões iniciais para a redução de tempo no segundo corte, fui aconselhado para que retirassemos a fonte Roselene do documentário, pois de acordo com o professor as fala eram parecidas com as de Marilza e não acrescentava muito para um avanço na narrativa do produto final. Já as outras sugestões foram voltadas a cortar pequenos trechos, mudanças de imagens de apoio e melhorias nas caixas de textos que aparecem para apresentar as personagens.

Já na apresentação do segundo corte, realizado no dia 30 de outubro, as alterações foram voltadas a correção nos áudios, melhorias na cartela de texto de apresentação das personagens e melhorar as transições entre a trilha sonora e algumas imagens.

Com o terceiro e último corte, o documentário alcançou sua versão final, totalizando 24 minutos e 30 segundos de duração, incluindo a sequência de abertura e os créditos finais. Esse corte final representou a consolidação de todas as etapas anteriores de montagem, ajustes narrativos e correções técnicas. Foi nesse momento que a estrutura narrativa, as cenas selecionadas, a trilha sonora e os depoimentos das personagens se integraram de maneira coesa, resultando em um produto audiovisual concluído e alinhado aos objetivos propostos pelo projeto.

Mesmo com as fontes que foram retiradas do produto final, todas foram devidamente creditadas ao fim do documentário.



1.2 Dificuldades Encontradas

Quando foi realizado o planejamento inicial do documentário durante o pré-projeto, foi estipulado um período de ao menos 6 meses de início de gravações até a apresentação na banca. Contudo, o projeto só começou a tomar forma, meses após sua primeira gravação, visto que no período inicial eu necessitava de equipamentos mais atuais e de colegas que me auxiliassem com outras funções durante as gravações.

Dentre as principais dificuldades encontradas para a realização do produto, eu analiso que a minha falta de disponibilidade para as gravações se tornou um empecilho para o avanço do produto da forma que eu imaginava. Durante este período, saí da vaga de estágio em que eu trabalhava para me tornar efetivado em outra empresa, da qual eu trabalhava 10 horas por dia. Isso foi um impedimento para que eu trabalhasse mais tempo com as minhas fontes e evitasse outros problemas que decorreram ao longo das gravações.

A questão orçamentaria também se tornou um desafio inicial para a realização do documentário, que, com os custos de compras de equipamentos e diária de uma auxiliar de fotografia, acabou custando entre R\$950, fora o deslocamento até a comunidade, que se encontrava razoavelmente longe da minha residência e que cada ida e volta variava entre R\$ 50.

Problemas como áudio e falta de imagens de apoio foram outros fatores que atrasaram o prazo de entrega do primeiro corte para a correção com o orientador. Além disso, tive que voltar a comunidade uma outra vez e refazer algumas falas que já estavam gravadas para apresentar um pouco mais do dia a dia de duas personagens.

Questões climáticas como chuva ou calor intenso acabaram sendo desafios durante as captações. Alguns dos dias em que as entrevistas estavam agendadas tivemos que remarcar devido a chuva e a possibilidade de estragar os equipamentos. Já nos dias ensolarados, tivemos dificuldades nas gravações devido ao superaquecimento das câmeras, que impediram de gravar alguns trechos e quase levando a perda de gravações.

A montagem, por mais que tenha sido desafiadora pelo curto período de tempo e devido à responsabilidade de entregar um projeto lapidado para a banca, não se tornou tão complicado. Contudo, após apresentar o primeiro corte, fui aconselhado pelo Prof. Júlio a retirar as gravações com a minha fonte Roselene Aparecida dos Santos, devido ao tamanho do documentário que, naquele momento, ultrapassava os 30 minutos. Compreendi a importância de um projeto mais curto e com menos duração e acatei a sugestão.



Dentre todas as dificuldades encontradas, o maior desafio que obtive foi a perda de uma gravação inteira com uma fonte. Devido a problemas de comunicação com uma colega que me auxiliou na gravação, perdemos metade da gravação da fonte Eliane Lima de Oliveira. Após este e outros problemas, a fonte foi descartada da versão final do documentário.



1.3 Objetivos Alcançados

Abordar a vida de mulheres que residem em uma ocupação urbana significa olhar para dimensões sociais muitas vezes invisibilizadas no debate público de uma Capital. Este trabalho propôs, por meio da construção de um documentário, revelar como essas mulheres enfrentam desafios estruturais e projetam um futuro possível em meio a falta de regularização de suas residências por meio da Prefeitura.

Quando realizei o pré-projeto em 2024, idealizei que o tema se desenvolve a partir da perspectiva das próprias moradoras e que narrassem suas experiências e contribuíssem para um entendimento mais humanizado e profundo da realidade de moradoras da periferia de Campo Grande.

Antes do projeto se iniciar, eu idealizava em desenvolver entrevistas em mais de uma favela de Campo Grande, ouvindo ao menos 6 fontes. Porém está ideia foi se lapidando para se concentrar em somente um único lugar e que tivéssemos menos personagens devido a duração do produto final.

Neste trabalho, busquei registrar as histórias de mulheres que residem em uma ocupação de Campo Grande, sem qualquer tipo de apoio da Prefeitura. Esse objetivo foi alcançado ao acompanhar de perto alguns dias da vida dessas moradoras. As entrevistas permitiram construir relatos sinceros, colocando as vozes dessas mulheres no centro da narrativa como já havia cogitado.

Outro objetivo atingido foi mostrar as dificuldades que elas enfrentam. Seja em trabalhos subalternos, muitas vezes mal remunerados e sem direitos, em situações aonde a mulher é vítima de violência doméstica, mães solas e dentre outros problemas sociais que normalmente afetam mulheres que vivem em regiões periféricas.

Por fim, o produto final apresentou os motivos que levaram essas mulheres a morarem em favelas, como a falta de políticas habitacionais, problemas familiares, desemprego e a necessidade urgente de garantir uma moradia digna. Ao reunir essas histórias, o trabalho conseguiu mostrar que a ocupação é um espaço de luta e resistência, onde cada mulher tem uma história única. Além disso, o formato do documentário se mostrou fundamental para ampliar o acesso do público ao tema, visto que o debate sobre a vivencia de moradoras de favelas em Campo Grande ainda é um tema muito pouco debatido. E é por meio da linguagem audiovisual que o trabalho propôs contribuir para aproximar o espectador do cotidiano retratado e fortalecer a reflexão sobre a falta



de acesso da regularização dessas moradias, desigualdade social em solo sul-mato-grossense e os desafios enfrentados por mulheres da periferia de Campo Grande.



2 SUPORTES TEÓRICOS ADOTADOS:

2.1 - Construção social da Favela e Ocupação Urbana

O termo ‘Favela’ é conhecido por se referir a conjuntos habitacionais populares construídos de maneira irregular, podendo trazer riscos aos moradores pelas estruturas precárias. A favela foi constituída de trabalhadores operários, imigrantes de zonas rurais e população de baixa renda que residiam nestes locais devido à expulsão dos grandes centros urbanos (Burgos, 2012). As condições estruturais e sociais das favelas somado a denominação de ‘Aglomerados Subnormais’ definida pelo IBGE em 1990, contribuíram para a criação de visão generalizada sobre o que é ser ‘favelado’ e como é viver dentro de uma favela. (Silva; Barbosa, 2013)⁶.

A realidade social das favelas expressa as condições profundas de desigualdade, quando observamos as elevadas taxas de desemprego e subemprego presentes nestes territórios, demonstrando a particular condição de inserção de seus jovens e adultos no mundo do trabalho formal. Por outro lado, a situação de vulnerabilidade social apresenta-se com diversas faces nos espaços populares, sobretudo entre os jovens: baixa escolaridade, gravidez precoce, rendas ínfimas, subnutrição e vitimização em atos de violência. (Silva; Barbosa, 2013, p.119).

Em 2024, após três décadas, o IBGE aboliu a nomenclatura ‘Aglomerado Subnormal’, alterando para “Favelas e Comunidades Urbanas”. A mudança nos termos se deve ao reconhecimento de que há um preconceito embutido nessa denominação, que usa o termo “Subnormal” como se a favela e seus moradores estivessem abaixo das outras pessoas ou da cidade⁷.

O estereótipo da favela e dos habitantes na maioria das vezes são associados à desordem, ilegalidade e criminalidade, e embora não haja uma homogeneidade entre, todas as favelas de uma cidade ou país é possível ver uma ou mais semelhanças que só são geradas devido à desigualdade social (Silva; Barbosa; 2013).

⁶ **Favelado:** Diz-se da pessoa que vive numa favela, no conjunto de moradias populares, geralmente construída em encostas de morros. Fonte: Dicio-Dicionário Online de Portugues; Disponível em: <https://www.dicio.com.br/favelado>. Acesso em: 16 de novembro de 2025.

⁷ Favelas e Comunidades Urbanas: IBGE muda denominação dos aglomerados subnormais , **IBGE**, 23 de Janeiro de 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias>. Acesso em: 16 de novembro de 2025.



Não devemos tomar a situação de vulnerabilidade social em si mesma. Ou pior, tomar a favela como território da pobreza e da carência *per si*. Mas sim identificar em tais situações a reprodução territorial das condições de desigualdade social. As favelas expressam, em nosso modo de ver, as contradições e conflitos da urbanização do território, e nos convocam a assumir movimentos de inovação teórico-conceitual e da prática de investigação das relações entre a produção do espaço urbano, a reprodução das desigualdades sociais e a distinção territorial de direitos. (Silva; Barbosa, 2013, p.119).

O aumento das favelas no Brasil se deve à falta de políticas públicas para a população caracterizadas pela extrema pobreza. O Estado permite que as favelas e ocupações existam não só pela falta de auxílio aos moradores, mas para usufruir da mão de obra barata advinda dos trabalhadores que moram nas periferias, e também para existir uma separação social entre uma população privilegiada e uma população que se encontra na pobreza (Corrêa, 2012).

Ao analisar o transcurso percorrido das moradias para baixa renda é factível a comprovação de que as favelas, em dado momento, se tornaram uma opção também do Estado, o que desconstrói o mito de que a favela sempre foi uma opção da população sem moradia em subir os morros apenas. (Corrêa, 2012, p.314).

O Estado só dá atenção aos moradores de favelas quando os coloca no contexto da ilegalidade para removê-los de suas comunidades, sem ao menos fornecer algum amparo como uma moradia digna, por exemplo. Os direitos fundamentais e institucionais como o acesso à moradia própria são garantidos a uma população abastada, sendo esta população a que mais tem acesso a educação de qualidade, planos de saúde e trabalhos que são bem remunerados⁸. “De outro lado, os favelados pouco pagam impostos, com baixos rendimentos que desfrutam e, pela mesma razão, não têm acesso à moradia nas áreas urbanizadas da cidade” (Corrêa, 2012, pg 313).

Na capital de Mato Grosso do Sul o número de favelas dobrou em 10 anos, saindo de 16 ocupações irregulares no ano de 2011 para 38 ocupações em 2021⁹. O aumento das favelas na cidade se deve ao crescimento populacional, mas também à ausência de políticas públicas e acordos

⁸ Abastada: Que possui vários bens; que tem dinheiro em excesso; rico ou endinheirado. Fonte: Dicio- Dicionário Online de Portugues; Disponível em: <https://www.dicio.com.br/abastado>. Acesso em: 16 de novembro de 2025.

⁹ Em 10 anos, Campo Grande dobra número de favelas e hoje tem 38 ocupações, Correio do Estado, Por Rafaela Moreira, 25 de Outubro de 2021. Disponível em: <https://correiodoestado.com.br>. Acesso em: 16 de novembro de 2025.



que visem melhorar as condições de vida dos moradores, como a regularização das moradias e o fornecimento de assistência financeira necessária. Em Campo Grande as favelas normalmente são afastadas dos grandes bairros e do centro urbano. As casas feitas de tábua e restos de construções são levantadas em terrenos públicos ou privados, o que torna a moradia irregular.

Em janeiro de 2024, mais de 13 mil famílias de todo Campo Grande aguardavam na fila de espera da Agência Municipal de Habitação e Assuntos Fundiários (Ehma) por uma moradia própria, nesta soma há uma parcela de moradores de ocupações que persistem em ter uma casa própria a anos.¹⁰ A Ehma é a principal fonte de auxílio de moradias para os moradores de favelas e ocupações, em sua maioria, também estão cadastrados na fila de espera pelas residências, mas dificilmente são contemplados. Em novembro de 2025, o diretor-presidente da Agencia Municipal anunciou em meio a audiência pública na Câmara dos Vereadores que a Prefeitura de Campo Grande se dispôs a tentar regularizar 10 mil lotes de favelas e comunidades urbanas em 36 meses¹¹.

A trajetória da ocupação Lagoa Park expressa diretamente esse processo histórico de urbanização desigual. A comunidade localizada na região sul de Campo Grande, começou a se formar por volta de agosto de 2023, quando famílias em situação de vulnerabilidade social passaram a erguer barracos de lona, madeira e restos de construção em um terreno abandonado pela prefeitura há mais de 30 anos¹². Diante da impossibilidade de acessar moradia formal e da longa fila da Agência Municipal de Habitação, as moradias da Lagoa Park sofreram três derrubadas realizadas pela Guarda Municipal, resultando na perda de bens, instabilidade permanente e insegurança estrutural. Apesar disso, as famílias reconstruíram suas casas e permaneceram no local, revelando como as ocupações urbanas seguem marcadas pela negação do direito à moradia, na criminalização da pobreza e na reprodução territorial das desigualdades sociais.

A situação atual da ocupação Lagoa Park revela um cenário de extrema vulnerabilidade social. Segundo dados de uma das lideranças da comunidade, cerca de 215 famílias vivem no local, incluindo 137 crianças, além de idosos, pessoas acamadas e moradores com deficiência. Sem acesso a direitos básicos, a comunidade permanece sem água tratada, energia elétrica ou sistema

¹⁰ Conta que não vai fechar nunca”, avalia adjunto da Ehma sobre fila por casas, **Campo Grande News**, Por Jackeline Oliveira, 04 de Janeiro de 2024. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/>. Acesso em: 17 de novembro de 2025.

¹¹ Prefeitura anuncia meta de regularizar 10 mil lotes de favelas em 36 meses. Campo Grande News, Campo Grande, 14 nov. 2025. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/politica/prefeitura-anuncia-meta-de-regularizar-10-mil-lotes-de-favelas-em-36-meses>. Acesso em: 16 nov. 2025.

¹² Informações em comunicação verbal direta a este aluno.



de esgoto, dependendo de ligações improvisadas para suprir necessidades mínimas. As condições das moradias tornam a rotina ainda mais frágil, especialmente em períodos de chuva ou frio, quando a insegurança estrutural se intensifica¹³.

2.2 Mulheres em Favelas e Ocupações, exclusão e subalternidade

Quando se reflete sobre o mercado de trabalho para pessoas negras, em específico para as mulheres, é preciso falar sobre o período pós-abolição no Brasil. Após a abolição da escravatura, o Estado por meio de políticas de imigração e trabalho, reduziu as oportunidades de empregos para a população escravizada, fazendo com que essas pessoas se submetessem a trabalhos subalternos. Os homens eram encarregados de trabalhos braçais e as mulheres trabalhavam como doméstica, variando de amas de leite a cozinheiras. (Pereira, 2011).

Mais de um século depois da abolição da escravidão, o trabalho manual continua a ser o lugar reservado para os afro-brasileiros. Em oposição ao que afirmaram as teorias sobre modernização, a estrutura de transição fornecida pelo rápido crescimento econômico nas últimas décadas não parece ter contribuído para diminuir de maneira significativa à distância existente entre os grupos raciais presentes na população (Heringer apud Hasenbalg, 1996.p.61).

Após o período abolicionista, houve uma diferença entre raça e classe perante o mercado de trabalho. As mulheres brancas privilegiadas e que faziam parte de uma elite da época não possuíam trabalhos, seus afazeres eram supervisionar os trabalhos domésticos das empregadas, já as mulheres negras muitas vezes se submetiam a esses trabalhos por ser a sua única forma de renda. (Pereira, 2011).

A maioria das mulheres escravizadas que migraram para as grandes cidades pertenciam à linhagem das domésticas da casa grande, pois a cidade fornecia maiores condições de

¹³ Em barracos, famílias da Lagoa Park relatam medo, falta de estrutura e cobram dignidade em Campo Grande, Câmara Municipal de Campo Grande – MS. Campo Grande, 30 out. 2025. Disponível em: <https://camara.ms.gov.br/vereador-landmark/em-barracos-familias-da-lagoa-park-relatam-medo-falta-de-estrutura-e-cobram-dignidade-em-campo-grande/> Acesso em: 01 de dezembro de 2025.



sobrevivência e as ajudavam no custeio da alforria negociada com os senhores a partir dos seus ganhos (Domingues, 2019, p.141).

O trabalho doméstico se mantém como fonte de renda para muitas mulheres até os dias atuais. A discrepância¹⁴ racial e social entre patrão e empregado continua a mesma, com diferença que as mulheres não são mais escravizadas, mas periféricas e de comunidades que estão em situação de pobreza ou extrema pobreza e se expõem muitas vezes a trabalhos precários. “A atual situação da mulher negra é fruto de raízes históricas, cujo ideologia vigente ainda determina que o lugar da mulher negra seja a cozinha e o cuidado do lar” (Pereira, B. P, 2011, p.5).

O Censo Demográfico 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) classificou a cor e raça em cinco categorias: Branco, Preta, Amarela, Parda e Indígena. Essa pesquisa serve para identificar o pertencimento racial e social dos brasileiros uma autodeclaração do indivíduo¹⁵. Considerando a tendência da exclusão das favelas nas cidades e pelo contexto histórico, é possível afirmar que as comunidades são formadas por pessoas majoritariamente pretas. Nas favelas do Brasil existem cerca de 6,3 milhões de mulheres residentes, sendo que 69% delas são negras¹⁶. Com o acesso ao mercado de trabalho negado pelo Estado, essas mulheres buscam oportunidades dentro das próprias casas e do bairro em que vivem. No Brasil cerca de 60% dos negócios nas favelas são liderados por mulheres, com trabalhos que variam de restaurante, estética, comércio e loja de manutenção de eletrônicos, ocupando o espaço do empreendedorismo nas comunidades urbanas. Mais de 40% dessas mulheres são donas do próprio negócio para manter uma renda familiar¹⁷.

Além das dificuldades no mercado de trabalho, a população vive sob constantes opressões organizadas pelo Estado e pelo preconceito social. Com isso os moradores tendem a criar um movimento de resistência dentro da própria comunidade através de uma organização coletiva. A

¹⁴ **Discrepância:** Que demonstra desigualdade em comparação com outra coisa ou pessoa; diferença, disparidade. Fonte: Dicio- Dicionário Online de Portugues; Disponível em: <https://www.dicio.com.br/discrepancia/>. Acesso em: 17 de novembro de 2025.

¹⁵ Fonte: Educa IBGE; Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/>. Acesso em: 17 de novembro de 2025.

¹⁶ Favelas – uma condição urbana de caráter nacional, **IBASE**, Por Athayde Motta e Rita Corrêa Brandão, 20 De Junho De 2022, Disponível em: <https://ibase.br/favelas-uma-condicao-urbana-de-carater-nacional/>. Acesso em: 17 de novembro de 2025.

¹⁷ 60% dos negócios nas favelas são chefiados por mulheres, afirma estudo, **EXAME**, Por Fernanda Bastos, 20 17 de outubro de 2023, Disponível em <https://exame.com/esg/>. Acesso em: 17 de novembro de 2025.



partir desta coletividade entre os moradores, as mulheres têm destaque como sujeitos políticos ainda que não se intitulem como feministas, ganhando espaço nesta resistência contra as figuras estatais e votando pela permanência no espaço em que residem. (Sobreiro, 2022, p.4). Na ocupação Lagoa Park em Campo Grande, as lideranças da comunidade são chefiadas por mulheres, cada uma sendo responsável por uma rua da ocupação. As lideranças são responsáveis por organizar como será dividido os terrenos, pela ajuda de custo para os moradores necessitados, no auxílio para a construção dos barracos, pela divisão de roupas e alimentos doados aos moradores e pela proteção para as crianças, idosos e mulheres¹⁸.

A forma favela resiste porque se impõe como instrumento de luta pela cidade. A partir dela, as múltiplas identidades raciais e regionais que compõem o mosaico do mundo popular de grandes cidades brasileiras convivem sob a condição comum de morador desta ou daquela favela (Burgos, 2012, p.375).

Fora à luta para se encaixar no mercado de trabalho e a resistência por moradias, as mulheres que moram em favelas normalmente encaram a realidade de cuidarem de seus filhos sem uma presença paterna. Essas mulheres têm a responsabilidade de sustentar financeiramente a moradia, obter materiais escolares para os filhos, prover a alimentação e principalmente ativar na criação e educação das crianças. As mães que cuidam dos filhos sem a presença do pai tendem a se cobrar mais de si mesmas, seja pelo cuidado pedagógico do filho com a escola ou pelo sustento da criança, normalmente não recorrendo ao pai das crianças ou pela falta de responsabilidade financeira deles ou por ter ciência de que este pai não tem obrigação moral tanto com a sua ex-cônjuge quanto com seu filho (Fernandes, 2020).

É comum que mulheres produzam queixas e protestos voltados aos homens reivindicando algum tipo de contribuição masculina no cuidado. Estas situações são expressas a partir do enunciado “ter que batalhar” como ação mobilizada na tentativa de algum benefício ou “ajuda” do pai, quer seja este monetário ou afetivo (Fernandes, 2020, p.214).

¹⁸ Informações concedida pelas moradoras em comunicação verbal direta a este aluno



Sem a presença masculina, essas mães solas representam cerca de 70% das mulheres moradoras de ocupações de Campo Grande, somando ao todo mais de 5 mil crianças vivendo em meio a precariedade e muitas morando apenas com as mães ou avós¹⁹. Entre os desafios de ser mãe solo morando em uma comunidade urbana na Capital está a falta de vagas de creches para as crianças, descriminação no mercado de trabalho devido aos cuidados parentais e carga horária.

2.3 Interseccionalidade e a representação de mulheres periféricas

Ao tratar das histórias de vida de mulheres que vivem em uma ocupação urbana de Campo Grande, é fundamental compreender de que maneira marcadores sociais como gênero, raça e classe estruturam suas experiências e organizam as desigualdades. O conceito de interseccionalidade, desenvolvido por Kimberlé Crenshaw, evidencia que o racismo não se manifesta apenas em atitudes individuais, mas é sustentado por estruturas institucionais, jurídicas e sociais que naturalizam e reproduzem desigualdades sociais.

No contexto brasileiro, esse debate é aprofundado pelas contribuições de intelectuais como Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus, que evidenciam como as mulheres negras das periferias vivenciam desigualdades estruturais historicamente naturalizadas.

Conceição Evaristo, por sua vez, utiliza o conceito de “escrevivência” para referir-se à potência política de narrativas que emergem da vida cotidiana das mulheres negras, transformando experiência em testemunho coletivo. Ao dar voz às personagens e permitir que elas próprias narrem suas vivências, o documentário busca se aproximar dessa perspectiva, reconhecendo o valor das histórias contadas a partir da periferia, em primeira pessoa, e rompendo com a lógica de silenciamento que historicamente marca esses territórios.

Escrevivências é um conceito criado pela escritora Conceição Evaristo (2020). Segundo ela, a escrevivência, em sua concepção inicial, se relaciona com o ato da escrita das mulheres negras, como uma ação que não só se constitui como uma ação de borrar e sobretudo de desfazer uma imagem do passado, em que corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão sob o controle dos escravocratas. (Santos, 2022, p26).

¹⁹ Maioria dos residentes em favelas são mulheres, negras e mães solo, **Correio do Estado**, Por Thais Libni, 15 de Dezembro de 2021, Disponível em:<https://correiodoestado.com.br/cidades/>. Acesso em: 16 de setembro de 2025.



Já Carolina Maria de Jesus, em sua obra *Quarto de Despejo*, expõe com contundência a realidade da fome, da precariedade habitacional e da luta cotidiana de uma mulher negra na favela. Sua escrita destaca o abandono social e a desigual distribuição dos direitos urbanos, problemáticas ainda presentes nas ocupações urbanas contemporâneas. A trajetória das mulheres retratadas em *Além dos Barracos* dialoga diretamente com esse legado, ao evidenciar que a desigualdade estrutural continua atravessando os mesmos corpos, décadas depois.

Assim, ao incorporar a perspectiva interseccional, este documentário comprehende que a condição das mulheres da ocupação não pode ser reduzida apenas à falta de moradia, mas deve ser analisada dentro de um sistema complexo de opressões que molda suas possibilidades de vida. O audiovisual, nesse sentido, torna-se uma ferramenta de escuta, visibilidade e reconhecimento dessas experiências, contribuindo para a construção de narrativas que rompem com o apagamento social historicamente imposto às mulheres negras e periféricas no Brasil.

2.4 Documentário

O documentário é um gênero cinematográfico caracterizado por apresentar a realidade de forma objetiva, utilizando de imagens reais e testemunhos para criar uma narrativa audiovisual diante a história narrada. O documentário é um gênero do audiovisual que não se limita a uma figura central em sua narrativa, podendo registrar pessoas, lugares, eventos históricos e questões sociais como o objetivo de seu longa ou curta metragem. Para Nichols (2005) o documentário é uma representação social do que vemos como ‘não ficção’, apresentado para o público telespectador, um mundo que compartilhamos coletivamente e histórias que buscam abordar uma realidade ou cotidiano. “Tais filmes transmitem verdades, se assim quisermos. São filmes cujas verdades, cujas ideias e pontos de vista podemos adotar como nossos ou rejeitar” (p.26).

O documentário é um gênero que difere de outras produções dentro do audiovisual como reportagem em programas de televisão ou filmes ficcionais. Diferentemente das reportagens em programas de TV, que têm como objetivo principal informar de maneira rápida, atual e objetiva, o documentário busca construir uma reflexão mais ampla sobre um tema, utilizando recursos como enquadramentos, montagem, iluminação e escolhas de ponto de vista para desenvolver uma narrativa própria. Embora ambos possam trabalhar com fatos reais, o documentário não se limita ao registro imediato: ele organiza e interpreta a realidade a partir de um projeto estético e discursivo.



A diferença em relação à ficção também não está simplesmente na presença ou ausência de roteiro, mas no modo como a narrativa é construída. Na ficção, os acontecimentos são previamente planejados; no documentário, a narrativa se desenvolve a partir do encontro com o material coletado, sejam elas as entrevistas, gravações, situações imprevistas, arquivos e informações que vão moldando o filme durante o processo (Melo, 2002). Como observa Melo, o documentário não se define por um conjunto fixo de enunciados ou estruturas textuais, mas por características próprias que o aproximam da realidade e, ao mesmo tempo, o diferenciam tanto da notícia quanto da ficção cinematográfica.

O gênero documentário não pode ser definido a partir da presença de determinados enunciados estereotipados ou de tipos textuais fixos (narração, descrição, injunção, dissertação). No entanto, não temos dúvidas que o documentário é um gênero com características particulares, e são essas características que nos fazem apreendê-lo como tal. (Melo, 2002, p.1).

As semelhanças entre o jornalismo e o documentário estão intrinsecamente ligadas à busca pela verdade, a narrativa dos fatos, processo de pesquisa e na investigação e apuração de informações. Fora isso, o jornalismo se distancia do documentário ao se limitar à imparcialidade, ideia esta que documentaristas rejeitam. Eles, ao contrário, acreditam que o processo de documentar deva ter uma ‘visão’ do diretor e da obra que está produzindo independente do assunto, enquanto isso o jornalista é limitado ao seu código de ética adotando uma neutralidade com risco de ser taxado de tendencioso ao impor seu ponto de vista. “Enquanto o jornalismo busca um efeito de objetividade ao transmitir as informações, no documentário predomina um efeito de subjetividade, evidenciado por uma maneira particular do autor/diretor contar a sua história” (Melo, 2002, p.7).

A criação e concepção do documentário se deve, á princípio, pelo ponto de vista ideológico do responsável pela produção. Melo reforça que o documentário é uma obra fundamentalmente autoral, sendo dependente das escolhas do documentarista para todo e qualquer direcionamento que a obra venha a tomar. Essa compreensão é compatível com o que defende Nichols, que reconhece o papel ativo e interpretativo do realizador. “Os documentaristas muitas vezes assumem o papel de representantes do público. Eles falam em favor dos interesses de outros,



tanto dos sujeitos tema de seus filmes quanto da instituição ou agência que patrocina sua atividade cinematográfica” (Nichols, 2005, p.28).



3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sinto que a realização do documentário cumpriu o objetivo de apresentar relatos pessoais das entrevistadas, revelar os fatores que as levaram a viver na ocupação como a ausência de políticas públicas de habitação, violência doméstica, precariedade no mercado de trabalho e rupturas familiares, além de registrar uma quebra de estereótipo sobre como uma mulher que vive em uma ocupação é vista pelo senso comum. A ideia inicial do trabalho de trazer à tona dimensões simbólicas, afetivas e comunitárias que moldam a vida cotidiana das moradoras foi representado durante os 20 minutos de duração, e acredito que tenha reforçado a importância de compreender a favela como um espaço vivo, complexo e marcado por múltiplas formas de organização social.

A escolha do documentário como formato também se mostrou fundamental para que essas narrativas alcançassem o público de maneira eficaz. Por meio do audiovisual, sinto que há uma ampliação para o público sobre a visualização dos espaços, das dinâmicas territoriais, das residências e das expressões emocionais das personagens, elementos que reforçam a capacidade de sensibilização do espectador. Nesse sentido, o produto final assume um papel significativo enquanto instrumento de comunicação e no espaço da educomunicação, podendo contribuir para debates acadêmicos, mobilizações comunitárias e políticas públicas.

O processo de produção também proporcionou aprendizado técnico e criativo. Acompanhar de perto, ao longo de 1 ano, a rotina, os desafios e os relatos dessas moradoras permitiram compreender com maior profundidade as dinâmicas sociais presentes na ocupação e a responsabilidade ética envolvida em registrar suas histórias. Esse contato contínuo fortaleceu meu comprometimento com o jornalismo, especialmente no que diz respeito a atuação em um jornalismo humanizado no que diz respeito às fontes e à preocupação em representar suas histórias fidedigna com seus relatos. Produzir o documentário exigiu não apenas domínio de técnicas audiovisuais, mas também maturidade para lidar com temas retratados.

Ao longo do processo de produção, enfrentei diferentes desafios que exigiram adaptação e reorganização constante no projeto. Entre as principais dificuldades estiveram a perda de parte das gravações, a necessidade de refazer entrevistas, ajustes no roteiro e a limitação de recursos técnicos e de equipe. Além disso, também houve obstáculos relacionados ao ritmo de gravação na comunidade, às condições climáticas e à conciliação entre o meu cronograma pessoal e as demandas práticas das gravações. Cada etapa enfrentada contribuiu para fortalecer o projeto e ampliar minha experiência enquanto futuro jornalista e produtor audiovisual. Superar essas



dificuldades permitiu não apenas finalizar o documentário conforme planejado, mas também compreender a importância do cuidado ético com as fontes e da capacidade de adaptação, elementos essenciais para a construção de um trabalho comprometido com o que foi proposto.

Com tudo isso, eu planejo incluir legendas no produto final, ampliando o acesso e permitindo que pessoas surdas, ou com dificuldades auditivas, também possam acompanhar o conteúdo. A legendagem também é essencial para a participação em festivais, circulação online e uso educativo em escolas, universidades e projetos sociais. Pretendo também em inscrever o curta em festivais de cinema e mostras audiovisuais, especialmente voltados aos direitos humanos, produções independentes, narrativas periféricas e temáticas sociais. Acredito que essa circulação possa ampliar o alcance das histórias contadas e favorecer discussões regularização dessas moradias, e reforçar o papel social da obra.

Depois de 1 ano trabalhando com todas essas mulheres que me apresentaram suas realidades sociais, creio que o documentário se consolida como uma iniciativa que busca registrar, preservar e apresentar uma resistência diante as desigualdades estruturais de Campo Grande. As reflexões produzidas durante o processo reforçam a necessidade de ampliar pesquisas e produções que abordem a realidade das favelas, garantindo que esses territórios e suas histórias continuem sendo debatidos e valorizados. O trabalho proposto não apenas contribuiu como cumprimento de um requisito acadêmico, mas como um esforço de dar visibilidade a experiências que merecem ser ampliadas para a população sul-mato-grossense.



4. REFERÊNCIAS

BRUM, Mario. Favelas e remocionismo ontem e hoje: da Ditadura de 1964 aos Grandes Eventos. **Revista O social em questão**, v.16, n.29, p.179-208, 2013. Disponível em: <http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/8artigo29.pdf>. Acesso em: 17 de novembro de 2025.

BURGOS, Marcelo Baumann. Favela: uma forma de luta pelo direito à cidade. In: Marco Antonio da Silva Melo; Luiz Antonio Machado da Silva; Letícia de Luna Freire; Soraya Silveira Simões. (Org.). **Favelas cariocas: ontem e hoje**. Rio de Janeiro, p.374-392, 2012.

CARDOSO, Adauto Lúcio; DENALDI, Rosana. Urbanização de favelas no Brasil: um balanço preliminar do PAC. **Letra Capital Editora**, Rio de Janeiro. ed.1, p.352, 2018. Disponível em: <https://www.observatoriodasmetropoles.net.br/livro-urbanizacao-de-favelas-no-brasil/>. Acesso em: 17 de novembro de 2025.

CORRÊA, Cláudia Franco. Direito de laje: a invisibilidade do Direito fundamental de morar nas favelas cariocas. In: Marco Antonio da Silva Melo; Luiz Antonio Machado da Silva; Letícia de Luna Freire; Soraya Silveira Simões. (Org.). **Favelas Cariocas** ontem e hoje. Rio de Janeiro, p. 313-328, 2012.

CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics**. Chicago: University of Chicago Legal Forum, 1989. Disponível em: <https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=uclf>. Acesso em: 01 de dezembro de 2025.

DE SOUZA E SILVA, Jailson; BARBOSA, Jorge Luiz. As favelas como territórios de reinvenção da cidade. **Cadernos do Desenvolvimento Fluminense**, [S. l.], n.1, p.115–126, 2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/cdf/article/view/9062>. Acesso em: 17 de novembro de 2025.

DOMINGUES, Claudia Maria de Barros Fernandes. Mulheres em Movimento: histórias contadas e vividas sobre sororidade, lutas e afetos. 2019. 221 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/16740>. Acesso em: 17 de novembro de 2025.



FERREIRA, Luana Fernandes. A vulnerabilidade de mulheres negras nas favelas cariocas. **XXV Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica da PUC**, Rio de Janeiro, set. 2017. Disponível em: <https://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/pibic/>. Acesso em: 17 de novembro de 2025.

FERNANDES, Camila . A força da ausência. A falta dos homens e do “Estado” na vida de mulheres moradoras de favela. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, 2020, n.36, 206-230. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=293368083009>. Acesso em: 17 de novembro de 2025.

HERINGER, Rosana. Desigualdades raciais no Brasil: síntese de indicadores e desafios no campo das políticas públicas. **Cadernos de segurança pública**, Rio de Janeiro, p.57-65, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/sqxP3HJB58RwMKVHNPCdNyw/>. Acesso em: 17 de novembro de 2025.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

MELO, Cristina Teixeira, O documentário como Gênero Audiovisual. In: **XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Salvador, 2002. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/>. Acesso em: 17 de novembro de 2025.

MELO, Cristina Teixeira de. O documentário como gênero audiovisual. **Comunicação & Informação**, Goiânia, Goiás, v.5, n. 1/2, p. 25–40, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/24168>. Acesso em: 17 de novembro de 2025.

NICHOLS, Bill. Introdução Ao Documentário. **Editora Papirus**. Campinas, São Paulo. ed.5, p.272, 2005.

NUNES, Nilza Rogéria de Andrade. Mulher de favela: interseccionalidades e territorialidades. **Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea**, [S.l.], v.19, n. 47, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistaempauta/article/view/56073>. Acesso em: 17 de novembro de 2025.

PEREIRA, B. P. De escravas a empregadas domésticas - A dimensão social e o "lugar" das mulheres negras no pós-abolição. **XXVI Simpósio Nacional de História**, São Paulo, p.7, 2011. Disponível em: <https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/>. Acesso em: 17 de novembro de 2025.



QUEIROZ FILHO, Alfredo Pereira. Sobre As Origens Da Favela. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, v.10, n.23, p.33-48, 2011 Tradução, set/dez. 2011. Disponível em: <https://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/pibic/>. Acesso em: 17 de novembro de 2025.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Favelas urbanas, favelas rurais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n.7, p.81-99, 1969. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/69604/72224>. Acesso em: 17 de novembro de 2025.

SANTOS, F. S. Leia-me negras: insurgências afroafetivas na prática pedagógica. 01. ed. Ihéus: UESC, 2022, 173 p. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/t5qq6/pdf/santos-9788574555485.pdf>. Acesso em: 17 de novembro de 2025.

SOBREIRO, F. Territorialidade feminina: resistência na favela da Rocinha. **Revista V!RUS**, Rio de Janeiro, n. 25, p.82-90, 2022. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/papers/v25/633/633pt.php>. Acesso em: 17 de novembro de 2025.



APÊNDICES

4.1 Roteiro de perguntas

- O que te levou a se mudar para a comunidade?
- A quanto tempo você mora na ocupação?
- Como é o seu dia a dia vivendo na comunidade?
- Por ser uma mulher periférica, acredita que há ainda mais desafios em seu dia a dia?
- Já sofreu algum tipo de preconceito por viver em uma região periférica?
- Como as normas de gênero influenciam a sua vida e a vida de outras mulheres na comunidade? Ser mulher te diferencia dos homens em alguma qualificação?
- Como é a sua relação com os outros moradores e membros da comunidade?
- Existem iniciativas comunitárias ou grupos de apoio que ajudam a melhorar a vida na comunidade?
- Como você vê o futuro para você e sua família? O que gostaria de mudar em sua comunidade?



4.2 Roteiro de edição e montagem

Além dos Barracos

Roteiro para documentário/ Curta Metragem

Duração: 25 minutos

Primeiro Tratamento - Previsão de entrega 10/10/25

João Pedro Buchara

TELA PRETA:

Abre letreiro escrito: Dirigido por João Buchara,
contribuição de Leilane e Lízandra Rocha

Ruidos e ambientes: sons da comunidade, barulho de
criança, conversas de fundo e trânsito

Caixa de texto aparece com as seguintes frases:

"No Brasil, há cerca de 160 milhões de pessoas residindo
em favelas pelo país.

A nível nacional, mais de 51,7% dos moradores são
mulheres. Entre elas, muitas se classificam como negras e
mães solas.

A realidade em Campo Grande, Mato Grosso do Sul não é
diferente. A Capital, que em 2012 foi considerada "sem
favelas" pelo Governo, atualmente encontra-se em um
cenário diferente.

MÚSICA DE FUNDO:
Mulher do fim do mundo - Elza Soares (1995)

CRÉDITOS INICIAIS:

TÍTULO: 'Além dos barracos'

OFF 1 - IMAGENS DE APOIO -

Campo Grande, Mato Grosso do Sul, já teve promessas
feitas pelo ex-governador André Puccinelli, em 2011, de
ser a primeira Capital sem favelas no Brasil, por meio da
desfavelização.

PARTE III -

PARTE IV - Sara Elizabeth Nunes Quirino, babá

Apresentar o caminho até a entrada da casa de Sara. Após
a introdução mostrar o nome

"Meu nome é Sara Elizabeth Nunes Quirino, tenho 41 anos.
Eu já estou dois anos aqui. Tenho dois filhos. (0:53). Um
tem nove anos, o outro vai fazer seis".

"(0:58) E o que faz você se mudar aqui pra comunidade?
(1:02) Foi assim que, quando meu ex-marido tinha ficado
desempregado e tudo mais, a gente morava (1:09) só de
aluguel, só de coisas que foram apertando a gente de lata,
água, o aluguel e tudo mais. (1:15) e a gente veio,
naquele então a gente fazia um projeto social com
verdura, roupas (1:21) e calçado. (1:23) E foi assim que
a gente conheceu aqui o acomodado Lagos Parque. (1:27)
Ai, um dia a gente veio entregar verdura, uma das
nossas lideranças, que é do bloco (1:33) 2, e mais duas
lideranças, eles me cederam esse terreno aqui. (1:41) Na
ocasião veio veio fazer ação social aquela (1:43). Isso, eu
faço ação social aqui mesmo, voluntário próprio mesmo.
(1:49)".

Sara narra as dificuldades que lida ao morar na ocupação,
filmação interna do teto da residência e da falta de
alimentos dentro de sua geladeira.

"Então, questão de dificuldade, o que a gente mais passa,
eu falo assim, para nós (2:09), que somos mães solteiras,
que a gente não tem a cabeça da família, é questão assim
(2:18) que quando chove muito, muitas vezes a casa molha,
tem telha quebrada, essas são as dificuldades, (2:28) até
mesmo na parte de manutenção, manter as crianças, é meio
complicado para uma (2:37) mãe sozinha, muitas vezes a
gente quer trabalhar, tem vezes que tem que pagar babá,
tem que (2:42) pagar a van para levar, buscar as crianças
na escola, deixar na babá muitas vezes, (2:49) e se for
um salário, vai todo salário nisso".

Continua falando sobre o dia a dia. Irei registrar
imagens conversando e cuidando do lar. E depois sentada
em sua cadeira na frente de casa.

OFF 1 - IMAGENS DE APOIO -

Campo Grande, Mato Grosso do Sul, já teve promessas
feitas pelo ex-governador André Puccinelli, em 2011, de
ser a primeira Capital sem favelas no Brasil, por meio da
desfavelização.

Porém, o número de famílias que recorrem às ocupações
irregulares têm aumentado nos últimos anos. Conforme
dados de 2024 da Central única de Favelas (Cufa-MS),
Campo Grande tem ao menos 61 favelas registradas.

A falta de condições em pagar aluguéis que ultrapassam os
R\$ 60 reais, e lidar com outras despesas obrigatórias
com comida, água e luz, contribuem para que pessoas
que recebem até 1 salário mínimo se juntem para ocupar
um terreno e construir seus barracos, na esperança de
serem assistidos pelo poder público.

Somente na favela Lagoa Park, mais de 60 famílias encaram
esta realidade. A maior parte desses moradores são
compostos por mulheres negras e mães solo que lutam
diariamente por uma vida mais digna.

CORTE RELACIONADO:

PARTE I - Marilza Eleoterio de Barcelos Silva, cabeleireira

ENTRADA DA FAPELA. LAGO PARK - APRESENTAÇÃO DE MARILZA

Som de pássaros, ruidos e som de ambiente permanecem ao
fundo. A imagem de abertura será a entrada da favela e
algumas residências.

PARTE V - Sonhos e expectativas para o futuro

Irei perguntar para cada fonte quais os seus sonhos e
o que esperam da comunidade para os próximos anos. Irei
intercalar um áudio meu realizando as perguntas e depois
o rosto de cada uma delas enquanto eu falo.

Trecho da Marilza:

eu espero que (10:56) a prefeita assine (10:58) o
documento que libera a área pra nós (11:00) porque nossa
luta é essa, (11:03) ter nossa casa própria (11:04)
Poder construir a nossa casa (11:07) decentemente, uma
casa de alvenaria, (11:08) pra tirar da poeira, (11:10)
sabe, e o nosso futuro (11:12) é esperar a nossa casa,
(11:14) eu acho que todo mundo aqui, (11:16) o futuro de
todo mundo aqui que ele quer é a sua casa (11:18)
própria, independente de poder (11:20) construir uma casa
grande ou pequena, mas que (11:22) seja seu, entendeu?
(11:24) Ali é meu, conquistei, com muita luta, (11:26)
sacrifício, gente, isso aqui foi (11:28) muito difícil
conquistar, nós estamos aqui há quase dois (11:30) anos,
mas foi derrubado esses barracos três (11:32) vezes, com
mãe, com criança (11:34) no colo, com maezinha (11:36)
quase tendo seu bebê, com nove (11:38) meses de gravidez,
ficar dentro do barraco (11:40) esperando, eles (11:42)
fazem a bagunça, que eles estavam (11:44) derrubando todo
o barraco, e por final (11:46) ela ficou lá tentando não
sair (11:48) mas teve que sair, quatro horas (11:50)
ficou presa dentro do barraco, seis (11:52) crianças, e
(11:54) mesmo assim eles conseguiram tirar (11:56) eles
de dentro do barraco, derrubou o barraco, foi (11:58)
muito triste, muito triste mesmo (12:00) mas hoje é uma
vitória, (12:02) porque a gente já conseguiu, Caima veio
e marcou o barraco (12:05) estão marcados os barracos
(12:06) e a nossa intenção é que fique, né gente, (12:08)
mas não tem nada de certeza (12:10) se marcar o barraco
quer dizer que vão ficar, mas é (12:12) uma vitória, sabe
(12:14) porque através disso ai (12:16) a gente vai
conquistar muito mais (12:18) e o nosso futuro é esse, a
nossa casa top (12:20) o nosso desejo é esse que é nosso



4.3 Bastidores das gravações

